



## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

### FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO

#### PSICOPATOLOGIA NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

**Docente:** Profa. Dra. Carmem Beatriz Neufeld

**Monitoras:** Dnda Myrian Silveira, Dnda Isabella Wada, Me Fernanda Esteves, Me Beatriz Lobo, Me Isabela Rebessi, Mnda Camila Amorim, Psic Alessandra Rezende, Psic Mariana Risso, Psic Eloha Santos

#### CASO JULIA – PARTE 2

Na primeira sessão com Julia, a psicóloga encontra com a menina na sala de espera da clínica. Apenas a mãe trouxe a filha para a sessão. A responsável cumprimenta a psicóloga e espera na salinha, enquanto Julia caminha na direção da sala, sem muita expressão.

Ao entrar na sala, ambas se sentam nas poltronas e Julia não olha para a psicóloga. A psicóloga pergunta para Julia se os pais comentaram o motivo de ela estar ali, e o que um psicólogo faz. Julia dá de ombros, e continua olhando para o chão. A psicóloga diz que um psicólogo ajuda as pessoas com as coisas em que elas estão precisando de ajuda, e que o papel dela ali seria ajudar Julia com qualquer coisa que ela estivesse precisando de ser ajudada. A psicóloga comenta que não vai contar para os pais de Julia o que conversarem, apenas se Julia autorizar primeiro. Nesse momento, Julia ergue a cabeça e olha para a psicóloga. “O que a gente conversar aqui, é segredo. O que você acha disso?”. Nesse momento, Julia começa a chorar discretamente. A psicóloga dá alguns lençinhos para ela, e fala que ela pode tomar água também, se quiser. Julia chora por alguns segundos, respira fundo e enxuga as lágrimas do rosto enquanto funga. Então, Julia fala:

“Você não vai contar mesmo para eles?”. A psicóloga responde: “não! Eu dou muita importância pra gente confiar uma na outra, e como você iria confiar em mim se eu falasse os seus segredos para outras pessoas? Quero que você se sinta segura em confiar em mim quando conversarmos”. Nesse momento, Julia respira fundo mais uma vez, e diz, meio sem jeito: “eu queria que você me chamasse de Julio.”. A psicóloga sorri e diz “Claro, eu posso te chamar como você se sentir melhor! Julio, então! Prazer, Julio”. Nesse momento, Julio dá uma risadinha. Depois, continua falando:



“Eu acho que queria ajuda com algumas coisas, sim. Tem algumas coisas que eu não conto para os meus pais, conto só pra Debs. A Debs é minha melhor amiga, a gente estuda junto tem um tempão. Ela é minha única amiga na verdade... eu não gosto muito de conversar com as pessoas na escola. E eu queria ajuda nisso... porque eu tenho muito medo de como as pessoas vão me tratar se eu falar que quero ser chamado de Julio. Você foi a segunda pessoa pra quem eu contei, a primeira foi a Debs. Ela me tratou muito bem... quando eu fico mais mal e preocupado ela me ajuda muito também. Uma coisa boa é que ela me chama de Ju, que é meu apelido, na frente dos meus pais... aí eles acabam não percebendo muito.” A psicóloga acena com a cabeça e pergunta: “então você prefere ser chamado de Julio porque se sente melhor... e o que faz com que tu se sinta melhor desse jeito?”

Julio continua: “eu não sei... eu já penso nisso tem um tempo. Eu sempre me senti meio estranho, eu não gostava muito de me vestir como as meninas, ou de coisas como essas. De brincar até de barbie, ou maquiagem... a Debs gosta bastante, mas eu nunca gostei. Eu sempre gostei muito de olhar para os meninos, mas também não era como as meninas olhavam.... tipo, eu não acho eles bonitos. Sei lá. Eu acho eles legais, o cabelo e as coisas que eles podem fazer. Isso é algo que os meus pais sempre ficaram de boa... eu uso tênis, calça larga e camisa larga também, não gosto muito de coisas de menina assim, tipo vestido ou sei lá.... e o meu cabelo também, eu cortei aqui no ombro (ele coloca as mãos nos ombros para mostrar) mas eu cortaria mais... eu acho que sou um menino, por isso eu quero que meu nome seja Julio.”. A psicóloga pergunta se Julio faz outras coisas além de se vestir com essas roupas que o deixam mais confortável. “Não não... eu gosto do meu corpo, não tenho problema com ele. Eu até sigo um menino no tiktok que também fala sobre isso, ele gosta de coisas de menina mais do que eu, usa top e tudo, tem o cabelo maior... mas ele não tem problema com o corpo dele. Eu não quero mudar nada, sabe? Só quero que as pessoas me tratem desse outro jeito...”. Nesse momento, Julio começa a chorar novamente. A psicóloga pergunta o motivo do choro, e ele continua:

“Ai, eu não sei. Eu fico muito mal pensando nisso... porque eu não quero decepcionar os meus pais. Eu fico com medo do que eles vão pensar de mim, do que as pessoas vão pensar, sabe. Na escola eu já não quero ir, eu só vou porque tem a Debs... e ainda assim é difícil. Eu fico com muito medo lá, não gosto de ficar olhando para as pessoas. Eu tenho medo que elas percebam alguma coisa, sabe? Mas ao mesmo tempo, eu quero que elas saibam. Mas eu não sei o que fazer. Eu acho que eu sempre fiquei meio assim... desde o começo do ano passado na verdade que comecei a pensar essas coisas,



foi quando eu comecei a falar menos ainda na escola... mas agora está mais difícil. Eu não to comendo muito na escola também, no intervalo... quer dizer, as vezes eu como quando a Debs vai comigo comprar salgado, mas quando eu to mais tenso eu não quero comer também, eu fico pensando que tá todo mundo me olhando comer, ai fico preocupado de comer bonito, de não me sujar. Fico tentando não parecer duro sabe... com a Debs é mais fácil, mas ainda é uma droga”.

A psicóloga acolhe Julio, dizendo que ele foi muito corajoso em dizer tudo aquilo para ela. A psicóloga fala que vai tentar ajuda-lo, e se, para isso, poderia ir na escola dele na próxima semana, para ver como funciona. A psicóloga diz que não irá contar nada do que Julio disse para ela aos professores, e que só vai na escola para saber o que os professores acham dele. A psicóloga pergunta como se referir a Julio na escola, e ele diz: “ninguém sabe lá, então eles vão me chamar pelo outro nome. Mas eu prefiro que você use o outro nome por enquanto... não sei. Pra conversar com eles, sabe?”. A psicóloga concorda. Julio pergunta: “você pode ir em um horário que eu não estou lá? Eu não quero que as pessoas fiquem me olhando se verem que eu te conheço.” A psicóloga diz que sim, e que irão combinar horários para não se encontrarem.

### **Perguntas norteadoras:**

1. Julio apresentou sintomas que não foram relatados pelos pais anteriormente ou que confirmam o que os pais trouxeram sobre ele (parte 1)?
2. A partir da parte 2, vocês pensaram em novas hipóteses diagnósticas? Quais hipóteses anteriores vocês descartariam? Por quê?
3. Quais outras informações são necessárias para saber confirmar cada hipótese diagnóstica?

